



## **Além das fronteiras: Uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional<sup>1</sup>**

Bruno César Brito VIANA<sup>2</sup>  
Maria Érica de Oliveira LIMA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **Resumo**

O crescente fluxo de pessoas, negócios e informações do mundo contemporâneo aliado ao desenvolvimento tecnológico e de transporte fazem do jornalismo internacional um fenômeno intelectual e econômico cada vez mais importante. Nesse âmbito, o jornalismo se apresenta também como um intérprete da geopolítica e política internacional. No processo de delimitação da editoria internacional, as agências de notícias surgiram desempenhando um importante papel na consolidação dessa prática jornalística. O presente artigo tem objetivo de promover uma breve reflexão histórica sobre o jornalismo internacional, destacando suas principais características, por meio de uma abordagem teórico-conceitual, utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica.

**Palavras-Chave:** Agências; História; Internacional; Jornalismo; Notícias.

### **Introdução**

O jornalismo internacional é uma das diversas variações da prática jornalística. Sua especialidade está em cobrir eventos noticiosos em diferentes lugares do globo, para uma população local que não tem acesso físico ou conhecimento geopolítico e cultural, com os fatos ocorridos em um país estrangeiro. A realidade do outro para essa população pode ser acessada através do conteúdo produzido pelo jornalismo internacional. Foi durante o período mercantilista, no século XVI, que o jornalismo internacional começou a florescer. Segundo Natali (2007, p. 23), o jornalismo já nasceu internacional. O autor ainda afirma que diferentemente do que muitos acreditam o início do jornalismo internacional não foi no século XIX, mas que esse século foi um momento de grande crescimento da editoria. Nessa época, a expansão do império colonial britânico fez com que os periódicos impressos ampliassem a área geográfica de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, email: [brvuno.viana@gmail.com](mailto:brvuno.viana@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, email: [merical@uol.com.br](mailto:merical@uol.com.br)



cobertura e, nos Estados Unidos, o noticiário internacional também foi fortalecido com a presença de imigrantes da Europa, que demandavam informações específicas de várias partes do mundo, principalmente as que tinham origem no velho continente.

Para McCombs (2009), muito do conhecimento e informação que as pessoas possuem sobre os assuntos internacionais está ligado ao jornalismo. Até porque muito desses assuntos e preocupações não estão disponíveis à experiência direta e pessoal. Ao longo do tempo os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados mais importantes pelo público. “Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública.” (McCOMBS, 2009, p.18). No tocante à cobertura internacional, o autor afirma que os veículos de informação, dentre eles os jornais, são a maior fonte de informação para grande parte da população.

Durante o período de 20 anos nos Estados Unidos, 1981-2000, a saliência dos assuntos internacionais no público americano esteve significativamente correlacionada (+0,38) com o número de matérias sobre assuntos internacionais publicadas no *New York Times*. (McCOMBS, 2009, p.31-32).

Portanto, o artigo trata de conceituar teoricamente o jornalismo internacional, sua gênese, principais características, práticas e importância no contexto global, como também, ressaltar o papel do jornalista, enquanto profissional, dentro do âmbito da cobertura internacional. Soma-se nesse contexto, o aparecimento das agências de notícias e o desenvolvimento tecnológico, imprescindíveis para a prática da editoria internacional. As reflexões aqui propostas utilizam a metodologia da pesquisa bibliográfica, que trata do levantamento de material impresso ou eletrônico sobre o assunto a ser estudado. Para Marconi e Lakatos (2001), a finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o intuito de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

### **Trajatória do Jornalismo Internacional**

Segundo Natali (2007), foi na época mercantil que as notícias impressas começaram a circular com maior frequência, já que elas passaram a ser vendidas e não mais circulavam apenas entre grupos comerciais. Os impressos não eram mais transmitidos apenas entre parceiros ou clientes comerciais, mas sim em toda a sociedade. Uma comprovação foi o surgimento, na Holanda, dos corantos, jornais que



tinham como principais notícias os fatos econômicos e políticos do estrangeiro e que se espalharam por toda a Europa no início do século XVII. Ainda de acordo com Natali (2007), um importante banqueiro europeu do século XVI, Jacob Függer von der Lilie, criou o *newsletter* (carta de notícias). Como morava em Augsburgo, na atual Alemanha e seus principais negócios estavam concentrados na Bélgica, os agentes do banqueiro enviavam a ele informações importantes sobre os negócios, com certa regularidade por meio das cartas de notícias. É importante notar que o jornalismo internacional surgiu muito antes da consolidação de uma adequada infra-estrutura de comunicações, que foi desenvolvida mais tarde com a melhoria das estradas e o surgimento dos correios e outros desenvolvimentos tecnológicos que abriram caminho para a industrialização da comunicação.

O acesso a esses primeiros dispositivos pré-jornalísticos, que surgiram a partir do século XVI, era essencial, já que as pessoas dependiam da leitura deles para se informar sobre dados políticos e econômicos mais atualizados, tais como mercado, os clientes e todo tipo de negócio que estavam distantes. Eram essas informações que os orientavam em decisões. Muitas dessas primeiras formas de jornal se preocupavam principalmente com notícias do estrangeiro, isto é, com eventos que estavam acontecendo, ou já haviam acontecido, em lugares distantes.

[...] Os indivíduos que liam estes jornais, ou escutavam sua leitura por outros, ficavam conhecendo fatos acontecidos em lugares os mais distantes da Europa – fatos que eles nunca poderiam testemunhar diretamente, em lugares que eles certamente nunca iriam visitar. Por isso a circulação destas formas primitivas de jornal ajudou a criar a percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato dos indivíduos, mas que tinha alguma relevância potencial para suas vidas. (THOMPSON, 1999, p. 65)

É certo afirmar que o jornalismo nasceu juntamente com a editoria internacional, com foco em coleta de informações e difusão de notícias de terras distantes. E do seu surgimento, no século XVI, até o século XIX, foram muitas as transformações tecnológicas, que foram sendo gradualmente intensificadas desde a Revolução da Imprensa no século XV, com a invenção da prensa móvel de Johannes Gutenberg. Ainda que os jornais impressos fossem normalmente transportados a grandes distâncias, já no século XVI, vale salientar que somente no século XIX é que o fluxo internacional de informações se tornou mais extensivo e organizado. A ascensão de novas tecnologias



na imprensa aperfeiçoou os processos de impressão, acelerou a transmissão de notícias entre os países e contribuiu assim para o desenvolvimento do jornalismo internacional.

Um exemplo desse desenvolvimento é a Guerra da Secessão norte-americana, que em 1861 foi acompanhada por cerca de 150 correspondentes. O surgimento do trem e dos cabos de telégrafo, na metade do século XIX, também facilitou a transmissão de informações e encurtou as distâncias. “O impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da Internet no final do século XX” (NATALI, 2007, p.30).

Quem exerce o jornalismo internacional é geralmente conhecido como correspondente ou enviado especial de algum veículo. Estas duas formas de exercício profissional são as faces da prática jornalística internacional. De acordo com Los Monteros (1998), em seu conceito mais primitivo, as obras de enviados ao exterior e correspondentes se encontram na própria história da literatura universal antiga, começando pelas cartas de São Paulo em Atos. Não só o desenvolvimento industrial da Inglaterra propiciou a tecnificação do jornalismo diário e da difusão de notícias sobre os acontecimentos no mundo. Houve também uma necessidade da metrópole colonial, que estimulou a formação de uma classe intelectual especializada nos fenômenos do exterior. Hoje, o exercício do jornalismo internacional, como correspondente e como enviado especial é uma tarefa que requer preparação especializada, inclusive formada em universidades. Para Los Monteros (1998), o correspondente é o típico habitante da diáspora jornalística, destinado a trabalhar em um dos lugares onde o jornal concentra esforços informativos. Para identificar as notícias de interesse no exterior, o correspondente se apóia na imprensa e nos meios locais. As diferenças nas técnicas de um repórter e de um correspondente são quase imperceptíveis, mas há uma regra que parece fundamental na redação dos envios de correspondência e, nem sempre, nos textos de um repórter local: a notícia é gerada e entregue ao leitor em contextos específicos, com causas e conseqüências (LOS MONTEROS, 1998). Pelo uso de gêneros, não há exclusividade para repórteres locais ou o correspondentes; a forma mais comum de redação é a nota informativa.

### **Agências de Notícias**

Foi então no século XIX, permeado de inovações tecnológicas, que surgiu nas empresas jornalísticas, a necessidade de algo que organizaria o processo de transmissão



de informações em todo o mundo e, conseqüentemente, possibilitaria obter o maior número de informações possíveis e com o menor custo. O advento do telégrafo nesse século conectou o jornalismo à atualidade, tornando possível a cobertura de mais regiões, inserindo assim o jornalismo numa nova perspectiva, a do presente instantâneo. A consolidação da globalização da comunicação teve várias conseqüências, dentre elas, o desenvolvimento dos sistemas de cabos submarinos e das agências internacionais. As primeiras agências de notícias, que aparecem nos anos 1830-1860, foram a *Agence Havas* na França em 1836, a *Associated Press* nos Estados Unidos em 1844, e a *Reuters* na Inglaterra em 1851.

As agências internacionais procuram recolher e transmitir notícias a nível global. Possuem colaboradores, articulistas, analistas distribuídos em sedes e escritórios em muitas partes do mundo e com isso enviam notícias para as redes centrais, que as distribuem aos diversos *media*. As primeiras matérias-primas estiveram inicialmente na informação econômica, dados sobre a agricultura e a mineração. Atualmente, as agências investem em tecnologia, correspondentes, análises, cobertura de eventos internacionais, representando grandes conglomerados de comunicação que possuem como estrutura várias empresas em diversos setores, do jornalismo ao entretenimento, e com isso representando, muitas vezes, o país de origem das agências:

Na história do Jornalismo, a ascensão da bandeira de determinada agência esteve estreitamente atrelada à bandeira do país em que ela instalou sua sede e no qual fincou interesses. A França, o Reino Unido e os EUA foram países em ascensão no momento em que a industrialização os projetava por suas ambições expansionistas e por seu poderio industrial e mercantil. E, também, pelo poderio de sua imprensa. Em outras palavras, a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores (NATALI, 2007, p.32)

As agências de notícias eram, assim como descreveu Mattelart (2000), um dispositivo, de coleta e difusão de notícias, situado no centro do sistema mundial. Elas aproveitaram o sistema telegráfico a cabo, que as possibilitou transmitir informação a lugares muito distantes e em velocidades surpreendentes. Com o advento das agências, e o envio de jornalistas para países estrangeiros, foi se fortalecendo a figura do correspondente internacional, um profissional do jornalismo que se tornará cada vez mais comum com o processo da globalização no decorrer do século XIX e séculos seguintes. Para Hohenberg (1981, p. 377), a rotina de um correspondente estrangeiro pode ser resumida a partir dos seguintes aspectos: Quando os correspondentes são credenciados a cobrir um país inteiro, naturalmente dependem das facilidades locais de



comunicação de massa para se manterem informados. Bem cedo descobrem que precisam fazer mais do que ler os jornais, ouvir o rádio, assistir à televisão, verificar o que está sendo enviado por telegramas e manter relações cordiais com a Embaixada e com os jornalistas do país. Precisam obter e desenvolver suas próprias fontes de informação, suas próprias idéias para matérias e reportagens, seus próprios métodos de trabalhos – e isso leva tempo e custa muito dinheiro.

Segundo Erbolato (1991), a consolidação das agências de notícias ocorreu pela impossibilidade de uma ampla cobertura internacional por parte dos jornais. Manter um correspondente internacional significava um alto custo financeiro, que eles não poderiam pagar. A filiação a uma agência internacional de notícias era mais econômico, do que financiar um corpo de correspondentes no exterior, ainda que fosse pequeno o número de correspondentes. No entanto, o uso indiscriminado de informações advindas das agências de notícias acaba por homogeneizar o texto noticioso que chega a população mundial por meio dos veículos de comunicação. Sendo assim, os veículos que têm correspondentes possuem um diferencial, já que, no exterior, o jornalista poderá ter um olhar peculiar acerca de um fato e produzir uma notícia que não será oferecido pelas agências.

Hoje existe como agência de notícia a norte-americana *Associated Press* (AP), a inglesa *Reuters* e a francesa *France-Presse* (AFP), que juntas ainda com a agência com *United Press International*, denominaram-se as “Big Four” dos anos 1970 (AGUIAR, 2009, p.11). Ainda existem agências consideradas regionais, mas que investem em alcance internacional (AGUIAR; REGO, 2009), como a espanhola *EFE* e as agências que procuram retomar o mercado de notícias, como a alemã *d.p.a. (Deutsche Presse-Argentin)*. As agências são classificadas segundo Montalbán (1979) entre mundiais, regionais, nacionais e especializadas. Agências especializadas são relativas a algum tema específico (esporte e economia/finanças), ou a depender do tipo de conteúdo veiculado (fotografias ou desenhos). As demais são conceituadas por sua escala de atuação. As agências nacionais procuram atuar apenas dentro de um país, geralmente ligadas ao Estado (BOYD-BARRETT, 1998); as regionais já atuam no exterior, essencialmente em países de alguma afinidade ou identidade cultural com o país de origem (MONTALBÁN, 1979). Contudo, as críticas aos modelos e as classificações das agências noticiosas sempre existiram desde sua origem. Para o autor Amaral (1982), o primeiro a criticar a pobreza, a uniformidade de notícias e interpretações dos materiais produzidos foi Balzac, escritor francês, em 1840:



Todos os jornais (de Paris), dispensados de traduzir, como antes, os jornais estrangeiros e de manter representantes pagam ao sr. Havas uma soma mensal para receber, em horário fixo, informações estrangeiras. Sem saber, ou sabendo, estes jornais têm, apenas, o material que o Primeiro-Ministro deixa publicar. (BALZAC APUD AMARAL, 1982, p. 162).

Hoje, em pleno século XXI, as agências de notícias enviam, todos os dias, um grande volume de informação e conteúdo para os diversos veículos de mídia. Por exemplo, a agência *France Press*, diariamente, envia cerca de cinco mil conteúdos para 165 países com os quais transmitem informações em seis idiomas diferentes (francês, inglês, alemão, árabe, português e espanhol) (SOARES, 2009). Todavia sabemos que as informações produzidas não cabem nos jornais. Para selecionar e filtrar o que será notícia ou não, os jornalistas utilizam diversos critérios, por isso a editoria internacional exige critérios bem rigorosos. “Nenhuma outra editoria do jornal põe no lixo uma quantidade tão incrível de informações. O que é também uma maneira de dizer que nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção” (NATALI, 2007, p.10-11). Ainda segundo João Batista Natali (2007), quatro temas são considerados relevantes no noticiário internacional: guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas. Isso determina que o editor ou jornalista se tiver que escolher entre dois assuntos, ele escolherá aquele que se encaixa em um dos quatro temas de preferência das agências. Dentre dos quatro temas, 51 sub-temas são considerados critérios e podem pesar na decisão do jornalista e em alguns valores/notícia.

Para Wolf (1985), os valores/notícia utilizados pelos jornalistas são divididos em quatro grandes grupos: conteúdo, disponibilidade de material, público e concorrência. O primeiro grupo engloba quatro critérios que definem o quão interessante e importante é um acontecimento. De acordo com o primeiro critério, para se constatar a importância de uma notícia, deve-se observar o grau hierárquico dos indivíduos envolvidos. O segundo critério analisa qual o impacto que a notícia terá sobre a nação, levando em consideração também a proximidade geográfica e cultural de um evento com relação ao local onde será publicada. O terceiro critério diz que a importância de uma notícia é tanto maior, quanto mais pessoas estiverem envolvidas. O quarto, e último, critério define que a importância de uma notícia será maior se ela contribuir para o desenvolvimento posterior de uma situação. O segundo grupo de valores/notícia elencados por Wolf (1985) é relativo ao produto informativo. Os critérios dentro deste



grupo são relativos à disponibilidade do material, ou seja, a acessibilidade do acontecimento para que se torne passível de ser coberto pelos jornalistas. Há também, dentro deste grupo, o critério de brevidade, que vem a definir o tamanho das notícias, almejando a objetividade necessária. Entre os valores/notícia relativos ao produto, destacam-se ainda aqueles que explicariam a expressão jornalística “*Bad news is good news*” (WOLF, 1985). Outro critério, ainda relacionado ao produto, é a novidade de um acontecimento, que vai definir a atualidade de uma notícia, se é repetitiva, ou se ainda pode ser considerada inédita. O terceiro grupo caracterizado por Wolf (1985) reúne os critérios relativos ao público. Estes valores/notícia referem-se à imagem que o jornalista tem do leitor. Os critérios relativos ao público auxiliarão os jornalistas a decidirem como notícia, dentre os inúmeros acontecimentos, aquilo que poderá atrair o público. O quarto e último grupo diz respeito à concorrência. Wolf (1985) estabelece três tendências relativas à concorrência que definem critérios de noticiabilidade. A primeira tendência relaciona-se ao furo: os veículos buscam notícias exclusivas e não, necessariamente, notícias que correspondam a critérios supracitados. A segunda tendência diz que a concorrência resulta em uma situação na qual um veículo de comunicação é o critério de noticiabilidade do outro, ou seja, será definido como notícia por um veículo aquilo que os outros já publicaram. A terceira tendência é uma consequência das duas primeiras: a competição acirrada entre as empresas, em busca de furos de reportagens, o que acaba por tornar os noticiários muito semelhantes (WOLF, 1985).

### **Jornalismo Internacional e a preferência do tema violência**

A maioria dos conflitos que se tornam notícia para a editoria internacional tem como característica comum a violência, que transforma os conflitos em guerras. A riqueza visual da violência é talvez o principal estimulante para o seu uso no noticiário internacional. A violência terrorista é um dos principais assuntos retratados na editoria e segundo Wainberg (2005), o efeito mais freqüente gerado por ela é o medo. A violência política é um tipo especial de notícia. A cobertura do jornalismo internacional focada na violência justifica-se pelo desejo de “agregar valor dramático à crônica diária que faz do mundo” (WAINBERG, 2005, p. 14). O alto número de mortos, feridos e principalmente inocentes nos atos terroristas permite a editoria internacional a produção de espetáculos





graves, surpreendentes e inesperados. Ainda de acordo com Wainberg (2005), a violência conquista com facilidade a audiência e a imprensa, ataques bombas e sequestros de aviões, por exemplo, totalizaram 67% das ocorrências terroristas transnacionais na década de 1980. O espetáculo acontece quando o público percebe que há um tipo de violência que visa atingir a ordem social. A violência e a morte decorrente dela tem se tornado, então, uma atração na editoria internacional ao longo dos tempos. Observa-se que é dada uma cobertura especial para a morte decorrente de conflitos diversos. A consciência de morte é própria do ser humano e desde os primórdios sempre gerou ansiedade, medo e inquietação, ao mesmo tempo em que o gosto pelas emoções fortes, pelo insólito, também faz parte da humanidade. Não desconhecendo desse lado da natureza humana, a mídia não se limita a expor a violência e a morte com equilíbrio. Alguns veículos exploram a miséria humana e justificam tais práticas no princípio de noticiar o fora do comum. A morte improvável está fora do controle humano e somente isso já capta a atenção do público. Segundo Angrimani (1985), os jornais atendem a uma necessidade inconsciente do leitor, que prefere vê o cadáver morto, a ele mesmo estar ali naquele estado. “Na relação a três: morte-jornal-leitor, a morte do outro é consumida como espetáculo.” (ANGRIMANI, 1985, p.54).

De acordo com Los Monteros (1998) apesar da evolução das técnicas de redação do jornalismo internacional, uma característica da editoria se mantém: o interesse por guerras, conflitos e violência. As técnicas de redação de notícias sobre o estrangeiro apresentam um processo evolutivo único. Inicialmente, elas existiram sob a forma da crônica, o relato quase literário, ou narrativa breve de fatos, a interpretação política, ou análise econômica. Atualmente, os textos são informativos e sucintos, se comparado com anos atrás (LOS MONTEROS, 1998). Os envios de correspondentes e enviados especiais às guerras européias ocupavam lugares privilegiados nos periódicos. Os conflitos armados foram um motor do desenvolvimento profissional do correspondente e da evolução das técnicas de redação de crônicas do exterior. A cobertura de guerras foi sem dúvida uma dura prova para a habilidade dos jornalistas em enviar seus textos à redação. Los Monteros (1998) esclarece que os meios de transmissão da notícia para as redações centrais dos correspondentes e dos jornalistas em geral mudaram, assim como as formas de redação. A agência *Reuters* utilizou pombos correio e adquiriu cabos submarinos para transmitir os serviços informativos de sua empresa. As vantagens da comunicação, via satélite, e o advento da Internet também tornaram instantânea a comunicação entre redações.



Com o advento da Internet, o jornalismo internacional tem ampliado sua cobertura de fatos diversos, principalmente guerras e conflitos. De acordo com Pierre Lévy (1998), a Internet é uma rede que possui uma característica que a define como um mundo de significação, na qual todos estão interligados. A Internet possibilita que uma mesma notícia seja atualizada várias vezes em um mesmo dia. Para Bahia e Rigueira (2010), devido ao fato de a memória na Internet ser ilimitada, as atualizações podem acontecer inúmeras vezes e ficar arquivadas na memória do *site*, sem ocupar espaço algum. Os assuntos que geralmente estão na editoria internacional, como guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas demandam um processo de atualização mais rápido, já que são temas cujas novidades podem surgir a qualquer momento. Marcos Palacios (2002) ressalta que a notícia na Internet tem o atrativo da interatividade. Essa característica da Internet permite ao leitor do jornalismo *online* uma autonomia em relação ao meio, que pode acontecer quando ele comenta uma notícia, quando troca *e-mails* com outros usuários da Internet, ou quando entra em contato com os jornalistas que produziram determinada notícia, por exemplo (PALACIOS, 2002).

Além da interatividade, outra característica do jornalismo na Internet é a hipertextualidade, que possibilita que em uma só notícia sejam reunidas várias outras, por meio dos *links*. O hipertexto é, assim, um texto não seqüencial com ligações que podem ser controladas pelo leitor (BAHIA; RIGUEIRA, 2010). Assim, as temáticas mais trabalhadas pelo jornalismo internacional, segundo Natali (2007) como tragédias, conflitos e guerras, eleições e epidemias são temas que pedem contextualizações e explicações sobre o país onde ocorreu o fato. Bahia e Rigueira (2010) esclarecem que esses assuntos, específicos da editoria internacional, demandam uma cobertura mais detalhada e com um maior número de possibilidades de acesso para que o leitor escolha as informações que precisa para entender melhor a notícia. O hipertexto da Internet vem, assim, a possibilitar que todas as notícias e contextualizações sejam integradas em uma notícia principal. Outra característica da Internet é a possibilidade de reunir diferentes mídias em uma mesma notícia, tais como áudio e vídeo. Ferrari (2004) define multimídia como a tecnologia que abarca som, imagem e movimento. Essa categoria atende bem aos critérios de notícia da editoria internacional já que guerras e conflitos são assuntos que podem ser apresentados por diversos suportes além da fotografia. Pode-se complementar a notícia por meio de áudios e vídeos, que possibilitam ao leitor da notícia uma maior interação com o que está sendo noticiado (BAHIA; RIGUEIRA, 2010).



## **Considerações Finais**

A partir das reflexões empreendidas constata-se a importância do jornalismo internacional, que vem a cobrir eventos noticiosos em diferentes lugares do globo, para uma população local que não tem acesso físico ou conhecimento geopolítico, com os fatos ocorridos em terras estrangeiras. Pode-se considerar que o jornalismo, enquanto atividade profissional, já teria nascido internacional em seus primórdios, pois os primeiros veículos de imprensa, criados na Europa, no século XVII, tinham a função principal de informar leitores locais sobre fatos acontecidos no exterior. Considera-se o jornalismo internacional como um fenômeno intelectual e econômico, que foi consolidado como um produto do industrialismo do século XIX. Sua história está ligada ao desenvolvimento da escrita, à imprensa, à indústria editorial, às tecnologias de comunicação e ao transporte. Constata-se ainda a importância das agências de notícias, criadas em meados do século XIX, para a consolidação do jornalismo internacional.

Conclui-se também que o advento das novas tecnologias de comunicação, como a Internet, veio a facilitar amplamente o trabalho das agências e seus correspondentes, principalmente por características do meio como a interatividade, a hipertextualidade e o caráter multimídia, vindo a agregar muito mais informações nas produções da editoria Internacional. Ainda se verifica que dentre as temáticas mais trabalhadas pelo jornalismo internacional, sobressai-se a questão da violência, principalmente, pela cobertura de guerras e conflitos, que tem se tornado um tipo de atração nessa editoria, desde os seus primórdios. Percebe-se também por meio da metodologia utilizada para a produção deste artigo, a pesquisa bibliográfica, que não há disponível vasto material sobre jornalismo internacional. Mesmo assim, o que foi coletado permitiu que fossem realizadas relevantes reflexões teórico-conceituais sobre a editoria internacional, sua trajetória e principais características.

## **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, P. **Notas para uma História do Jornalismo de Agências**. Anais do 7º Encontro Nacional de História da Mídia, 2009.

AGUIAR, P.; REGO, R. P. **Jornalismo de Agências x Internet: diálogos e conflitos**. Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009.



- AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.
- ANGRIMANI, Danilo. **Um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1985.
- BAHIA, Ana Lúcia Alves, RIGUEIRA, Marina R.. Carlos. **Internet e reconfiguração da prática jornalística**: a editoria internacional nos jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e em seus respectivos portais. Universidade Fumec, 2010. Disponível em <[http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornalismo\\_bahia.pdf](http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornalismo_bahia.pdf)>. Acesso em 28 abr 2012.
- BOYD-BARRETT, O.; RANTANEN, T. **The Globalization of News**. Londres: Sage Publications. 1998.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.
- HOHENBERG, Jonh. **O jornalista profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- LÉVY, Pierre. Metáfora do hipertexto. In: LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 3. ed. Rio de Janeiro: 34, 1998. p. 21-27.
- LOS MONTEROS, Guillermo Garcia Espinosa de. “**Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero**”, in Foro Internacional no 152-153, Mexico: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998
- MARCONI, M. de A; LAKATOS, E.M.. **Metodologia do trabalho científico**. 5ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001.
- MONTALBÁN, M. V. **As Notícias e a Informação**. Madrid: Ed. Salvat, 1979.
- McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**. A Mídia e a opinião Pública. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NATALI, João Batista, **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PALACIOS, Marcos. Artigo: **Jornalismo on-line, informação e memória**: Apontamentos para debate. Disponível em <[www.facom.ufba.br/jol/producao2002](http://www.facom.ufba.br/jol/producao2002)>. Acesso em: 27 abr 2012.
- SOARES, Astréia. **Grupo de pesquisa: As agências de notícias e a circulação internacional de problemas na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Universidade Fumec, 2009.
- THOMPSON, Jonh B. **A Mídia e a Modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1999.
- WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: Comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1985.